

O XAVIER NÃO TINHA FAMÍLIA POR ACASO ¹



João dos Santos ²
(1913 - 1987)

Quando o apresentaram, o outro perguntou: *Você por acaso é filho do Xavier...* *Sou sim, mas não é por acaso!* respondeu ele.

Tinha razão em protestar, o Xavier. Não é fácil ser filho de alguém por acaso... mesmo que o sentido não seja pejorativo, quanto o Xavier quis interpretar. O mais frequente dos acasos é o do encontro fugaz ou o percalço na aplicação dum método anticoncepcional. Destas gestações por acidente, resulta às vezes o abandono pelo pai, da mãe e do filho.

Julgo que nas sociedades matriarcais, não haveria este problema, porquanto quando a mulher casava era o homem que ia para o clã da mulher e o principal educador masculino era o tio materno. Depois desses tempos antigos, creio que sempre houve mães abandonadas e sempre a sociedade as rejeitou conjuntamente com os filhos.

Quando uma vez há muitos anos, assisti a uma reunião num liceu, onde o Senhor Reitor tinha combinado com o Senhor Ministro, com uns senhores doutores e engenheiros e alguns aristocratas sortidos - pais de alunos - fazer uma Associação para dar livrinhos aos meninos bem comportados, um homem sensível propôs que a Associação protegesse e auxiliasse as viúvas e outras mães sem marido. A proposta foi metida a ridículo pelo Senhor Reitor e por toda a seita e deu lugar a muita galhofa.

As urbes modernas constantemente em expansão incontrolada, são favoráveis à criação de grupos marginais, isto é, aos que são constituídos por pessoas que se não integram nos grandes grupos ideológicos. Esses grupos tomam hoje a dimensão dum Terceiro Mundo complementar dos que detêm o poder e dos que são cilindrados pela maquinaria publicitária e pelas ferramentas da sociedade de consumo. Há os que se comprimem, arregimentam e automatizam nas florestas de cimento e nas *cinturas industriais* e os chamados inadaptados que são afinal os que se adaptam ao caos das urbanizações mais ou menos clandestinas, toleradas por serem favoráveis à constituição de reservas de mão-de-obra barata. Há ainda nas grandes cidades do mundo de hoje, os bandos nómadas que mais parecem, por vezes, uma amálgama de fugitivos de si próprios sem uma verdadeira organização grupal e há ainda as comunidades de

jovens que parecem apontar para o reencontro em rituais iniciativas das velhas culturas. Nestes microgrupos ou neste Terceiro Mundo, há factores culturais enriquecedores e há factores anti culturais empobrecedores.

O problema de que agora nos ocupamos é o da causa de certas dificuldades de iniciação escolar que parecem ligadas a agrupamentos sem cultura não integrada e sem tradição cultural homogénea; deles provêm muitas das crianças que fracassam na escola primária. As crianças não entendem uma escola que não tem nada a ver com a sua realidade social; a escola não entende e rejeita essas crianças que falam outra língua. Famílias frustes provenientes desses meios, não preparam - na relação familiar - as crianças para receber na escola os instrumentos de cultura que ela fornece e impõe.

Acontece que os pais normal mas inconscientemente, revivem os impulsos ternos ou hostis que vivenciam na criança que foram e que neles persiste; agem às vezes a favor, outras contra, a educação que receberam, ou aquela que é dada aos filhos na escola.

Acontece ainda que, a forma como os elementos de um grupo familiar se relacionam, mesmo quando enquadrados na cultura comunitária se constitui em microculturas que todos nós conhecemos: cada família tem os seus hábitos, interesses particulares, atitudes e linguagem própria, que podem levar o outro grupo a ser sentido como estranho, incómodo, inquietante ou mesmo ameaçador. As pessoas duma família podem não admitir darem-se com as pessoas duma outra família, mas admitem dar-se com elas, num terreno neutro, na Rua, no Café ou no ambiente inspirador e envolvente do Templo ou da Academia Recreativa. Há muitas casas onde as pessoas podem ir bater à porta; há menos casas onde elas podem entrar; há apenas algumas onde podem ir comer; raríssimas aquelas onde podem ir dormir e tomar banho na tina.

A escola primária é - ou deve ser- o ambiente familiar, onde todas as crianças de todas as famílias se possam sentir bem acolhidas, qualquer que seja o seu cheiro, forma, encadernação ou linguagem. O clima da escola é oficialmente suposto ser acolhedor, mas pode acontecer que ele seja sentido pelas crianças como hostil ou rejeitante. Não depende só da escola que a criança se sinta envolvida, depende também dos pais que podem saber suavemente introduzir a criança no ambiente escolar, ou que agressivamente a empurrem para dentro daquela casa de estranhos; às vezes os pais fazem-no com ternura apoiante, outras com fatalismo ou passividade cívica; frequentemente entregam-na como penhor duma promoção familiar e acontece até, que as suas intenções sejam manifesta ou latentemente punitivas!

Usa dizer-se, como eu tenho estado a dizer, que os pais: são, fazem, dão... mas o drama da criança é que os pais às vezes não são, não fazem, não dão - aquilo que à criança daria jeito para fazer com outros - adultos e crianças - intercâmbio cultural. Um sistema de trocas não é coisa fácil de organizar numa pessoa em devir, como o não é ao nível dos adultos, das instituições e dos países.

As crianças vão à escola para serem educadas, diz a administração. Ou será para serem arregimentadas? As crianças vão à escola para se fazerem homens, dizem os pais. Ou será para se promoverem socialmente? As crianças vão à escola para aprender, dizem os professores. Ou será para serem ensinadas?

Na verdade, as crianças deveriam ir à escola para encontrarem a alegria e para aprenderem a fazer algo de satisfatório da tristeza da separação e da angústia provocada por certas situações; a adquirirem sabedoria através dos modelos humanos que se lhes oferecem; a aprender a lutar com adversários (maneirinhos) e a utilizarem os instrumentos de cultura postos à sua disposição.

A alegria e a tristeza aprendem-se na relação com a mãe, mas quando os ritmos ou o equilíbrio entre as duas formas de estar, não são favoráveis a uma resolução mental, a criança aprende a esconder a tristeza com a falsa alegria da instabilidade, com comportamentos provocatórios ou com doenças várias. Se a aprendizagem da relação afectiva com a mãe e a da resolução mental da depressão, se não faz adequadamente antes da escola, a criança não pode aceitar o que lá se ensina porque apenas vê nela, uma tralha informe de instrumentos que a torturam e que não servem as suas necessidades afectivas. Ela quer ser amada e encontrar a quietação num ambiente tranquilizador e fornecem-lhe casas e matérias desafectadas como as letras e os algarismos, as canetas e os papéis.

A função maternal que é de protecção e de envolvimento, durante o primeiro ou os dois primeiros anos é interferida a dada altura (não muito precisa) pela função paternal, função separadora da simbiose primária. É nessa altura que a mãe passa a ser vista pela criança não apenas como a pessoa que a envolve e lhe dá tudo, mas também como o objecto de amor do pai. Da competição que daí resulta nasce a inteligência abstracta e o saber registável sob a forma de Trabalhos, Obras ou Escritos.

A maior parte das crianças com dificuldade de iniciação à aprendizagem escolar, são crianças em que a função maternal (a de dádiva envolvente) se não exerceu de forma favorável à interferência do pai, no exercício da função paternal, isto é, da função de terceiro elemento da estrutura familiar (e psíquica). Quando falha

o exercício da função paternal a aprendizagem do que é exterior à relação afectiva entre a criança e a mãe, não é por ela aceitável e às vezes não é possível porque não faz sentido.

A criança, para aprender na escola, necessita ser portadora de imagens interiorizadas e de amigos, de mãe e de pai, que possam ser reunidos ou sintetizados depois de imaginariamente terem sido separados ou analisados. Só falta acrescentar, para que tudo se torne mais claro que, em meu entender, a mãe pode exercer sobre o filho uma função paternal como o pai uma função maternal complementar das respectivas funções essenciais.

Razão tinha o outro que era inteligente (quer dizer, tinha humor) para dizer: *eu sou filho do Xavier, mas não é por acaso.*

¹ SANTOS, João. *Ensaio sobre Educação - I: A Criança Quem É?* 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, pp.40-43, 1991.

² Para informações biográficas, bibliografia, eventos e outros recursos, por favor consulte o site <https://joaodossantos.net/>.